

COLECÇÃO DE SELOS PORTUGUESES

Património inestimável no

A Colecção de Selos Portugueses, agora actualizada até 9 de Outubro, volta a encontrar-se em exposição desde a mesma data, no Museu das Comunicações. Esta é uma exposição permanente do Museu, podendo ser aqui apreciados selos de diversas categorias (postais, porteado, correio aéreo, encomendas, entre outras), bem como os respectivos blocos e selos emitidos também para as Ilhas.

Lídia Fernandes, conservadora do Património Artístico e Filatélico da Fundação, guia-nos através desta exposição.

«Os selos apresentam-se sempre como peças importantes de divulgação de ideias, valores, veiculando mensagens políticas, culturais, fazendo eco de efeitos históricos ou publicitários. A expressão gráfica dessa mensagem é reveladora das correntes estéticas de cada época, diz-nos.

É assim que «nos primeiros selos as efígies reais representam o Estado monárquico e reflectem as correntes românticas, a que se seguirão as correntes realista e, já no século XX, o modernismo». Referindo-se à Colecção de Selos Portugueses, Lídia Fernandes exemplifica a última destas correntes com a emissão «Ceres», comemorativa da República, ou a emissão «Tudo pela Nação», desenhada por Almada Negreiros.

É nesse âmbito que explica o nascimento da filatelia: «a par com o êxito do selo, enquanto meio de pagamento antecipado de um serviço de correio, o selo revela-se um meio privilegiado de di-



vulgação cultural, a cuja iconografia se associa uma determinada mensagem, que abriu caminho ao colecionismo filatélico.

De acordo com a conservadora do Património Artístico e Filatélico, «foi em Inglaterra que o selo surgiu pela primeira vez, em 1840. As primeiras imagens a serem usadas nos selos foram retratos de reis, quer na Europa quer no nosso país, justificando-se esta opção pelo facto de ser detectável qualquer falsificação, mas a que não seria também alheio o facto de serem os gravadores da Casa da Moeda, habituados à gravação das efígies nas moedas, os autores dos primeiros desenhos e impressões de selos».

«A exposição (da Colecção de Selos Portugueses) abre com os quatro selos D. Maria II de 1853, que iniciam, em Portugal, o pagamento antecipado de um serviço de correio», explica-nos. «A introdução do selo justificava-se, então, porque vinha facilitar o serviço de Correio, quando se assistia, no País, a um grande aumento de correspondência, em virtude do desenvolvimento industrial e do crescimento das diversas actividades sociais, na segunda metade do século XIX».

Continuando a percorrer a exposição, e depois da «Ceres» e da «Tudo pela Nação», chegamos a «A Refoma Pombalina» da Universidade. Esta constitui, segundo Lídia Fernandes, um bom exemplo de «selos repletos de elementos ico-

Museu das Comunicações



nográficos, de leitura mais demorada e muito apreciados pelos colecionadores».

A conservadora não resiste a ir pontuando a apresentação da exposição de notas de enquadramento.

Referindo-se à importância dos selos na difusão de imagens e de mensagens, em épocas em que os Correios constituíam o único meio que tocava todas as populações, diz-nos: «os Correios alargaram, a partir dos anos 40, a divulgação de imagens a outros temas, designadamente a aspectos da nossa arquitectura e paisagens, aos nossos costumes e tradições, bem como a comemorações de carácter político e religioso, passando, actualmente, também pela divulgação dos aspectos de preservação da natureza e meio ambiente, ou outras campanhas de sensibilização».

Prosseguindo, explica-nos que, «no período entre 1853 e 1893, grande parte dos selos foram impressos pelo processo tipográfico em relevo, sendo estes selos conhecidos por 'selos clássicos'. «Seguiram-se as impressões em talhe-doce e heliogravura, as impressões litográficas e, por último, o *off-set*, técnica mais utilizada a partir

dos anos 50. A impressão a talhe-doce que até aí imperou deu às emissões filatélicas uma finura e dignidade in-

comparável, mas de custos mais elevados». Em jeito de conclusão, Lídia Fernandes diz-nos que «a colaboração de pintores, escultores, gravadores e gráficos de grande prestígio na criação artística dos desenhos de selos, que os CTT se orgulham de exhibir, tem desenvolvido uma verdadeira arte postal».

«A variedade de temas, a sua beleza e realização gráfica têm colocado a Filatelia portuguesa num lugar de destaque internacional e suscitado um grande interesse junto dos colecionadores, detentores de colecções de grande valor». Essa a razão por que «aos CTT cabe a honra de verem, regularmente, as emissões dos seus selos serem objecto de prémios. Estão neste caso, entre outros, as emissões «1962: Arcaño S. Gabriel», «1978: Europa CEPT – Planícies do Sul», «1989: Évora Património Mundial» e «1992: ECO 92».

«De notar», diz-nos ainda, «que já em 1962 o selo 8º Cent da Cidade de Tomar obteve o segundo lugar, numa exposição filatélica em Paris a que concorriam mais de 800 selos emitidos por 14 países da Europa».

dos anos 50. A impressão a talhe-doce que até aí imperou deu às emissões filatélicas uma finura e dignidade in-

A partir dos anos 40, o tema das colecções de selos ganhou uma maior abrangência, tendo sido plenamente assumido o seu carácter de divulgação cultural